

MINISTÉRIO DA ECONOMIA 1033
CAMPANHA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA

DUPLICADO

O MILHO-REI

n.º de Ord. 1033 Duplicado



RC
MNCT
63
FRE

A. Campeão de Feitas

Átilio
1961

MINISTÉRIO DA ECONOMIA
DIRECÇÃO GERAL DOS SERVIÇOS AGRÍCOLAS

O MILHO-REI



Novela de vulgarização da cultura
racional do milho

por

Aníbal Campeão de Freitas

RC

RC
MNCT

Serviço editorial

da Repartição de Estudos, Informação e Propaganda

1942

63

FRE



CAMPANHA DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA - SÉRIE B - N.º 5

PREFÁCIO

A maioria do público agrícola, apesar da proveitosa, persistente e meritória acção desenvolvida pelos funcionários das várias Brigadas Técnicas espalhadas pelo País, continua a usar nos seus trabalhos do campo os mesmos processos antiquados e por vezes péssimos de há muitos anos.

É certo que êsses mesmos funcionários se têm esforçado para que essas ruins práticas se racionalizem no que, diga-se em abono da verdade, têm sido coadjuvados por alguns agricultores que as compreenderam e desde logo as adoptaram, tão úteis são.

Também é certo que a bibliografia agrícola portuguesa conta esplêndidos livros, trabalhos mesmo de incontestável valor, a cujos autores, distintos engenheiros agrónomos, eu, modesto agricultor, rendo aqui as minhas homenagens.

Mas, a essa maioria, que é ainda muito grande, de nada servem êsses belíssimos livros, que só aos técnicos e aos estudiosos aproveita.

Para aquêles que lêem diariamente o folhetim do jornal que assinam, e sem esforço, mesmo um romance, mas não querem dar-se ao incômodo de estudar, e ainda para o trabalhador rural que sabe ler, seria preciso fornecer-lhe não só a utilíssima e indispensável assistência que as Brigadas Técnicas lhes podem prestar, mas também uns folhetos em que a técnica que lhes é ensinada e aconselhada fôsse tratada e explicada sob a forma atraente de novela.

Do êxito dêsse conjunto — assistência e novela — estou absolutamente confiado. No que tenho dúvidas, e com tôda a lealdade e sinceridade o confesso, é se êste meu trabalho conseguirá desempenhar satisfatôriamente o papel que lhe está confiado nessa íntima e para mim honrosa colaboração.

Ao velho Manuel Tomás não havia quem o fizesse convencer de que tinha tóda a vantagem em alterar os seus antiquados processos agrícolas. Rotineiro por índole, embora saiba ler muito bem, contrasta em absoluto com o tio Anastácio, que embora «ande» pela mesma idade, e mal saiba escrever o seu nome, tem no entanto um cérebro que está sempre pronto a receber e a assimilar tudo quanto seja racional e a experimentar quanto lhe aconselhem de bom.

É interessante notar que sucedia com êstes dois velhos o contrário do que no geral acontece com as demais pessoas nas mesmas condições dêles. Quási sempre, e isso é o mais natural, o que sabe ler tem idéias mais progressivas do que o analfabeto, que por isso mesmo, na maioria, também é desconfiado.

Com êstes dois homens, porém, não era assim; o mais adiantado em letras era o mais contrário a progressos.

— Ai, — dizia muitas vezes o tio Anastácio, com visível mágua —, se eu soubesse ler nos livros como o Manuel Tomás, o que eu faria! Meus pais quizeram que eu cedo trabalhasse nas terras e, por isso, não me mandaram à escola. É verdade que me deixaram boas fazendas quando morreram, mas mais valia que fôssem menos e me tivessem mandado ensinar!... Por isso todos os meus filhos, tanto rapazes como raparigas, andaram na escola os anos precisos para aprender, até fazer exame. São êles que me valem agora... Dantes, era uma coisa bonita uma pessoa saber ler, mas hoje é uma grande necessidade e mal daquele que não tenha aprendido...

Estas e idênticas lamentações era vulgar ouvirem-se ao tio Anastácio, que nunca se pôde conformar, e com razão, pela falta que as

letras lhe fizeram durante tôda a sua vida. Como, porém, o desejo de progredir era grande, podemos aplicar-lhe o ditado de «mais vale quem quere do que quem pode». E assim era.

O Manuel Tomás, sabendo ler, pouco uso dava aos livros e não queria ouvir a opinião de ninguém. O tio Anastácio, quasi desconhecendo os caracteres da leitura, estava volta e meia a procurar o senhor Abilio de Castro para lhe pedir explicações, e este de bom grado lhas dava, não só por ser boa pessoa, como porque estudava muito e convivia bastante com engenheiros agrónomos e regentes agrícolas. Estava por isso a par dos modernos processos de fazer agricultura e no sitio era quem sabia mais.

Os dois velhos eram amigos de verdade, mas zangavam-se com freqüência. Sucedia assim quasi tôdas as vezes que a dicussão entrava no campo agrícola.

Ao tio Anastácio custava-lhe que o outro não seguisse algumas das práticas que êle usava ultimamente por conselho do senhor Abilio de Castro, pois conseguiu com elas aumentar consideravelmente as produções, enquanto que as do Manuel Tomás, aferrado como estava aos processos antigos, eram diminutas, e algumas havia que quasi não pagavam a despesa!

Este, teimoso, cego ao que o amigo lhe mostrava e surdo ao que lhe dizia, aborrecia-se, indispunha-se e acabava sempre por se ir embora zangado.

Mas, a amizade fazia esquecer as discussões e no próximo encontro falavam-se como se nada tivesse havido entre êles. Repetia-se isto uma, duas, três e vezes sem conta.

Ora o tio Anastácio, vendo com grande pesar que não conseguia demover o seu amigo, por mais que lhe mostrasse a razão e por mais argumentos que empregasse, foi um dia pedir ao senhor Abilio de Castro para mandar chamar a sua casa o Manuel Tomás.

Ditas pelo senhor Abilio de Castro, talvez as coisas entrassem melhor na cabeça daquele.

Êste senhor, sempre disposto a fazer o bem que nas suas mãos estivesse e por querer ser agradável ao tio Anastácio, em quem tinha um admirador, anuiu, mas, receoso de um insucesso, combinou com êle o seguinte:

A freguesia tinha a sua Casa do Povo. Iria êle lá durante uns domingos fazer umas prelecções e o que em sua casa seria dito a um só, sê-lo-ia ali para todos.

— Vossemecê, tio Anastácio, com êsse seu pedido de beneficiar o seu amigo, veio fazer com que eu o possa tornar extensivo a um maior número, o que bem preciso é. O seu amigo, embora teimoso como se sabe, é possível que também me vâ ouvir, se não com a idéia de aprender, ao menos com o desejo da curiosidade. E como «água mole em pedra dura, tanto dá até que fura». talvez se comece a interessar e consigamos assim melhor resultado do que com a vinda dêle aqui a casa. No próximo domingo será já a primeira lição.

E notava-se-lhe um certo contentamento, mais pelo prazer íntimo de concorrer para o aperfeiçoamento da principal cultura da região, do que por vaidade.

O tio Anastácio, não menos satisfeito, foi, o mais ligeiro que a sua avançada idade permitia, pedir ao senhor presidente da Casa do Povo para nessa mesma noite ser lá colocado o aviso e dar a boa nova.



*

* *

Já que falamos em Casa do Povo, diremos que esta estava em sede própria. Era uma casinha jeitosa, bonita e muito branquinha.

Tinha sido pedida pelas pessoas da freguesia e tão grande entusiasmo despertou essa idéia que, com a participação do Govêrno do Estado Novo e a ajuda de todos os seus habitantes, em pouco tempo foi construída. Curioso é assinalar que os de mais teres deram a pedra, pinheiros para abrir, bois para os carretos e até o próprio terreno foi oferecido. Os serradores, pedreiros, carpinteiros e serventes contribuíram com alguns dias de trabalho e os restantes deram dinheiro que, embora pouquinho a cada um, todo reunido ainda montou a uma boa verba. Nutriam por aquela casa grande amizade, pois todos tinham nela um bocadinho. Era muito freqüentada pelos trabalhadores que a preferiam, em vez de irem para as tabernas embriagar-se e perder dinheiro. Com isso só tinham a lucrar.

Ali também havia jogos em que se entretinham e melhores até do que os das tabernas, mas não eram a dinheiro.

Era essa freguesia habitada quâsi só por gente humilde, de pouca cultura. Tirando o senhor doutor médico, o senhor professor, o senhor prior e o senhor Abílio de Castro, não havia mais ninguém que se lhes pudesse comparar. Em todo o caso não havia ali a extrema pobreza que se encontra em outros sítios; todos cultivavam terras, suas ou arrendadas.

O milho era a principal cultura do sítio, mas como essa gente era pouco instruída, usava as mesmas práticas defeituosas do Manuel Tomás. Os únicos que a tratavam como deviam eram o senhor Abílio de Castro e o tio Anastácio.

*

*

*

No domingo aprazado, êste levantou-se ainda mais cedo do que o costume, obrigando os dois filhos a imitá-lo.

— Arriba, rapazes, e vistam o fato melhor, para irmos ouvir o senhor Abílio de Castro. Não se demorem, porque quero ser dos primeiros.

— Mas, ainda mal vai a clarear o dia e já vossemecê quere ir! — responderam-lhe estremunhados. — Não se lembra que o aviso está feito para ser depois da missa?

— É ver...da...de é... Estou tão satisfeito que até parece que o tempo me foge!

Mas, pelo sim pelo não, foi indo até à sede da Casa do Povo para ter bem a certeza de que de facto ainda era cedo. Chegado lá encontrou-a realmente fechada e nesse momento ouviu soar sete badaladas no relógio da igreja. Tinham razão os rapazes; contudo, pôs-se a passear defronte, mas como as horas não passavam com a rapidez que êle desejava, impacientou-se e foi até casa. Ali, não estava quieto um momento. Ora se sentava, ora se levantava; tão depressa se encaminhava para os currais, como estava de volta. Nunca a família o vira alvoroçado daquela maneira e também tão satisfeito!

— Ó homem, sossega um pouco! Não paras um momento! Quási não fazes outra coisa do que andar de nariz no ar! — disse-lhe a mulher.

— Que queres? As horas sem passarem!... Não sei o que tem hoje o sol, que não anda como de costume! Parece estar sempre no mesmo sítio!

O tio Anastácio não tinha relógio. Não era porque não o tivesse, podido comprar. Felizmente nunca o dinheiro lhe faltou, mas habituou-se no seu tempo de rapaz a guiar-se pelo sol e nunca aquêle lhe fêz falta. E tão habituado estava, que não errava um quarto de hora!

Ao meio dia já estava a Casa do Povo cheia de trabalhadores. Diga-se em abono da verdade que, nesse domingo, era mais a curiosidade e a novidade do acontecimento que levava ali a maioria daquela gente, do que o desejo de aprender.

Em todo o caso, fôsse qual fôsse o motivo, o certo é que estavam



lã. O senhor Abílio de Castro chegou daí a nadinha, e vendo tôda essa gente e a surpresa que lhe prepararam — a sala ornamentada com fôlhas de palmeira — ficou agradavelmente impressionado.

Interessado como ia em ver se o Manuel Tomás também estava, logo de entrada o notou, porque êste foi-se colocar mesmo ao pé da porta, talvez para ter melhor oportunidade de sair logo que lhe apetecesse e não dar tanto nas vistas.

O tio Anastácio e os filhos tão cedo foram afinal, que puderam ocupar alguns dos lugares da primeira fila.

Depois de cumprimentado pelos membros da Direcção, da qual era presidente o senhor doutor médico, e após os agradecimentos pela luz que desinteressadamente sôbre aquela gente inculta ia derramar, o senhor Abílio de Castro agradeceu as boas palavras do seu illustre amigo. Dirigindo-se à assistência, disse que o motivo da sua estada ali era explicar-lhe os vários trabalhos culturais do milho, porque o entristecia ver produzir tão pouco umas terras que poderiam e deveriam dar muito maior rendimento. Para tornar mais animadas e lucrativas as lições, dava licença que os presentes o interrompessem com tôdas as perguntas que desejassem fazer-lhe, de forma a não deixar ficar dúvidas a ninguém. Assente isto, começou:

— Principiarei por lhes dizer que o milho é um cereal pertencente à família botânica das gramíneas. Parece assente ter sido a América quem primeiro o cultivou. Dali foi levado para Espanha, tendo depois vindo para o nosso País há, aproximadamente, trezentos anos.

Veio, pois, de um clima mais quente do que o nosso, mas, apesar disso, dá-se muito bem em Portugal, e por todo êle o vemos semeado em maior ou menor escala.

Por ordem de superfície cultivada, aparece-nos em primeiro lugar a província do Minho, logo seguida das Beiras e da Estremadura, isto é, regiões situadas ao norte do Tejo e em segundo plano o Alentejo e o Algarve, regiões que lhe ficam ao sul.

Se em vez da superfície, olharmos a produção, teremos a região minhota como sendo ainda a primeira de Portugal. Já alguém lhe chamou «o cereal do norte do país» como o trigo é o do sul.

Mas se é animador verificarmos que êste cereal vive tão bem entre nós, é desconsolador que, dentre os países que o cultivam, seja o nosso onde êle produz menos por unidade de superfície.

Ora êsse aumento poder-se-á conseguir se começarmos a fazer-lhe e a dar-lhe o que êle deseja.

Os americanos afirmam que «nenhuma cultura pode ser melhorada com mais rapidez e facilidade, por selecção e cuidado, do que a do milho».

Ê, pois, para isto que estou aqui, como já lhes disse. Vale a pena perdermos todos um bocado de tempo, que de resto ao domingo nenhuma falta faz, porque o milho é uma planta tão rendosa quando racionalmente cultivada e tão útil, que tôdas as suas partes são aproveitadas: grão, fôlhas, carolo; até o canoilo; o primeiro para alimentação humana e todos para a dos animais. A sua maior ou menor produção está condicionada a vários factores, os quais resumidamente passarei a tratar.

Começarei pela *semente*.

Como estão fartos de ver, o milho pode ser branco ou amarelo, e dentro destas duas grandes categorias, há uma infinidade de variedades e subvariedades, que têm sido obtidas pela necessidade de o adaptar às diferentes regiões, tipos de terra e fins. Disto já se deduz, que as sementes de uma determinada variedade, que foi estudada e criada para certo fim, tipo de terra e região, pode não servir para quaisquer outras que não sejam as indicadas. Além disso, como vocês não ignoram, o milho ainda pode ser de regadio ou de sequeiro. Não quero dizer que não possam semear qualquer, mas o que lhes posso garantir é que só lhes produzirá bem o que melhor se adaptar à terra onde o deitarem. Já vêem, portanto, que uma das principais condições para a obtenção de uma boa colheita é a escolha da variedade.

Passarei a tratar, em seguida, da *selecção da semente*, segunda condição importante para o êxito da cultura.

Como até ali ainda nenhum assistente lhe tivesse feito perguntas, mais por acanhamento do que por não desejar fazer-lhas, o senhor Abílio de Castro, percebendo isso, abriu o caminho indagando:

— Ó António Farinha, onde foste buscar a semente que tens para êste ano?

— É do meu milho, senhor.

— E como a separaste?

— Foi das melhores espigas que tinha na eira quando estavam a secar e que hei-de debulhar quando chegar a sementeira.

— Êsse é realmente um dos processos que vocês no geral usam. Não é de todo mau, se bem que tenha defeitos, mas há ainda outro bem pior, que é irem buscá-lo à tulha ou à arca. Êste é que nada tem que o recomende. É processo sem uma única vantagem. Felizmente que já quâsi ninguém o usa.

Outra pergunta, António Farinha. Quando debulhas essas espigas, aproveitas todos os bagos que elas têm?

— Sim senhor.

— Nisso é que fazes mal. Deverás dividir a espiga aproximadamente em três partes. Deitas para a arca os bagos da parte de cima e da de baixo, isto é, das extremidades, e aproveitas só os dos meio, porque são melhor desenvolvidos, foram os primeiros a ser fecundados, quere dizer, macheados, e portanto amadureceram mais depressa. Estão, por tudo isto, em condições mais favoráveis de produzir do que os outros.

Há, porém, outros processos bem melhores de selecção da semente e dentre êles destacarei o da selecção em massa e o da selecção individual ou genealógica, se bem que não desenvolva senão o primeiro, porque o outro só interessa aos serviços oficiais.

É muito simples e o mais indicado dos que estão ao vosso alcance.

Consiste no seguinte: Alguns dias antes de começar a colheita, percorre-se o campo de milho e colhe-se a quantidade de espigas que se calcule suficiente para a sementeira do ano imediato, contando com as que ainda terão de ser rejeitadas e que de cada uma só aproximadamente a terça parte (a média) se aproveita. É intuitivo que a colheita dessas espigas, em pleno campo e ainda com a camisa, não se faz à tôa, mas deverá obedecer a certas regras.

Assim, teremos de atender à:

1.º *proveniência*, preferindo as de plantas fortes, de porte regular, de maturação mais adiantada e sobretudo sãs, que nenhuma das suas partes tivesse sido atacada pelo mofo.

2.º *localização*, aproveitando as que estejam mais perto da terra.

3.º *conformação*, recolhendo só as de um certo tipo, nem curto nem comprido em demasia, antes de forma cilíndrica do que cônica, completamente cheia de bagos até ao cimo, dispostos em linhas uniformes, paralelas e sem interrupções.

Chegadas à eira, e depois de descamisadas para a secagem, deverão proceder à rejeição das que não estiverem dentro destes elementares requisitos e ainda das que, embora obedecendo a êles, apresentem sinais de macheamo de outra variedade de côr diferente da que tivermos semeado.

Como vêem, isto não tem dificuldade nenhuma; dará quando muito um pequeno aumento de trabalho, do que a simples escolha na eira, mas é tão insignificante, que não vale a pena levá-lo em conta. Ali, escolhiam boas espigas é certo, mas tanto podiam provir de um milheiro demasiado alto, como de um outro baixo de mais, de um são como de outro atacado de mofo, etc. O que lhes acabo de ensinar e aconselhar, tendo em atenção os diversos factores apontados, é de resultados mais seguros. É o que eu sigo. Lembrem-se do provérbio que diz: «Se queres bons filhos, procura-lhe os pais» e na verdade, quanto melhores e mais bem conformados êstes forem, mais robustos serão aquêles. O mesmo se dá com os animais e até mesmo com as pessoas.

Devo ainda tocar noutros pontos. Assim, as sementes convêm que sejam da última colheita e as maçarocas só devem ser guardadas depois de bem secas e desgranadas à mão, um pouco antes da sementeira.

— Vossa Senhoria autoriza-me uma pergunta? — interrompeu o Chico da Emília.

— Sim senhor, as que quiserem. Tomara eu que mas façam; é sinal de interêsse.

— Porque é que as maçarocas têm de esperar pela sementeira para ser debulhadas?

— Fêz bem em fazer essa pergunta, porque tudo o que se aconselha tem uma razão de ser, e se não ma tivesse feito não me lembraria de lha explicar. A conveniência é dos bagos poderem continuar a alimentar-se do carolo, extraíndo-lhe tudo quanto ainda tiver de útil, enquanto não seca por completo. Outra coisa, que neste momento me lembrou. Para saberem se uma semente, seja ela qual fôr, que compraram ou lhes deram, é boa ou má, têm um meio muito simples e seguro. Uns quinze dias antes da sementeira, coloquem cem sementes num prato, entre dois bocados de flanela molhada. Daí a poucos dias começam a germinar e logo que a maior parte esteja fora, contem as que nasceram. Conforme essa quantidade fôr, assim se ficará conhecendo a boa ou má qualidade dela.

— Vi o ano passado, num sítio para onde fui trabalhar — continuou o interpelante — estarem a meter o milho, na véspera de o semear, num alguidar que tinha uma água a modos que azulada. Quis saber para que faziam isso, mas só me disseram que era uso ali.

— E você ficou como dantes... Pois é; o mal é fazerem-se coisas sem se saber a razão. Essa água azulada era uma solução de sulfato de cobre. Chegou a ser aconselhada como desinfectante da semente, para que o morrão ou carvão não a atacasse, mas verificou-se mais tarde de nada valer, porque veio a saber-se, por estudos oficiais, que êle não se transmite pela semente como sucede ao do trigo. Adiante ouvireis como essa doença se propaga.

— Mas então o que é que a gente deve fazer — continuou o mesmo — para se ver livre dessa porcaria?

— O único processo prático é todos os que cultivam êste cereal percorrerem o milheiral de vez em quando, colherem tôdas as partes da planta que virem atacadas e queimarem-nas.

— Mas eu e os mais, às vezes fazemos isso e todos os anos o temos!

— Não é bem assim como dizes. Primeiro, é que nem todos o extirpam e para a sua diminuição ou até mesmo acabamento, é absolutamente indispensável que sejam todos; segundo, aquêles que o tiram, em vez de o queimar, atiram-no para onde calha, quando não acontece ficar no próprio terreno do milheiral! Como vêes, faz sua diferença!

— Eu julgava que êle morria desde que se tirasse donde estava agarrado!

— Longe disso! Essa massa negra e úmida, quer na planta, quer fora, seca e converte-se em pó (esporos) que o vento depois se encarrega de espalhar, às vezes até, para quilómetros de distância. Já vêem por esta resumida descrição que é preciso sermos todos a dar-lhe combate, tirando tudo o que estiver atacado e queimando. Mais: tenho visto por vezes darem aos animais alguns milheiros contaminados de mórão. Acabem com isso. Faz-lhes mal e êsse pó atravessando o estômago e os intestinos dêsses animais que o comem, sem perder a vitalidade, vai para os estrumes, dali para as terras e de novo prejudica as futuras sementeiras. É porque êsse pó, em condições favoráveis de ambiente e de solo, e em contacto com qualquer parte do milheiro, seja raiz, caule, fôlhas, maçaroca ou bandeira, provoca-lhe a doença, constituindo as plantas atacadas novas e futuras fábricas em plena laboração, que, se não forem eliminadas logo de início, só nos trarão prejuízos.

Daí a necessidade que, individual e colectivamente, todos temos de lhe dar constante combate, fazendo percorrer os milheirais periòdicamente e por mulheres, que deverão extirpar tôda e qualquer manifes-

tação da doença, por mais simples e insignificante que se lhes afigure. Garanto-lhes que essa pequena despesa é sobejamente compensada, não só para a cultura da ocasião, como para as que lhe sucedam.

— Mas tenho ouvido dizer que, quanto melhor estrumadas estiverem as terras, mais morrão aparece. Será?

— Na verdade, a estrumação abundante e a sementeira basta, se bem que provoquem uma maior vegetação, fazem por outro lado com que tôdas as partes da planta fiquem mais tenras e, conseqüentemente, mais sujeitas aos ataques e penetração das moléstias.

Outro inimigo digno de se atender, é o «alfinete» ou «bicha amarela». Êste bichinho, que é um insecto que todos vós conheceis na fase de lagarta (larva) por ser só nesse estado que lhe notam os estragos, transforma-se depois no indivíduo adulto. Para o combater, visto êle preferir terrenos ácidos e muito estrumados, aconselham-se calagens, numa dose que pode ir desde 50 a 200 gramas por metro quadrado, conforme a acidez ou riqueza orgânica dos terrenos, ajudadas ainda por equilibradas adubações químicas.

Não julguem, porém, que o milho só tem por inimigos êstes dois que apontei. Infelizmente não são poucos e alguns de respeito, quer de origem vegetal, como o «morrão» e outros, quer animal como o «alfinete», etc. Está ainda sujeito a acidentes de ordem meteorológica, ocasionados por saraiva, geada, vento, nevoeiro, etc., e tem também nas plantas infestantes, isto é, daninhas, outro inimigo a que o agricultor pouca atenção tem prestado, e cuja acção tão fácil lhe seria inutilizar. Dêste último voltarei a falar quando tratar de mondas.

Você, Manuel Joaquim, vai dizer-me como costuma trabalhar a sua cerrada quando está para lhe semear milho.

— Então senhor, falo a um cariteiro para ma vir lavar. Na véspera, despejo-a de tudo quanto ela tiver. Vêem depois os bois e lavram-ma. Deito-lhe a semente a lanço, gradam-ma, uma vez deleiram-ma, outras sou eu, e pronto.

— Realmente é processo simples e rápido... Quanto a comida, o que dá à sua terra?

— Dou-lhe amónio quando êle vai a deitar bandeira.

— E estrume?

— P'ró milho, não senhor. A gente cá costuma deitá-lo na postura das couves, em Agôsto, mas é pouco, porque temos falta dêle.

— Isso é na verdade o que habitualmente por aqui se faz. Admiro-me como elas, mesmo assim, ainda produzem alguma coisa que se veja!... São de facto excelentes!...

— Se elas vão dando, é porque não precisam de mais nada — adiantou-se a dizer lá do fundo, todo ufano, o Manuel Tomás.

— Diga-me uma coisa, senhor Manuel. Que comida dá ao seu macho, que anda tão roliço de carnes e tanto trabalha? — perguntou-lhe o senhor Abílio de Castro, fazendo de conta que não o tinha ouvido.

— Ora, dou-lhe palha de trigo, de milho, feno e uma ração de fava, mas também lhe dou muito serviço.

— Quere dizer, o animal, apesar de todo êsse trabalho, graças à boa alimentação que recebe, mantém-se sempre bom, sem emagrecer... Quero pedir-lhe que faça uma experiência com êle... Comece de amanhã em diante a dar-lhe só palha de trigo, mas pouca, e a dar-lhe o mesmo trabalho...

— Deus me livre de tal fazer! — exclamou surpreso o Manuel Tomás. — Para êle chegar a ponto de nem poder com a carroça!... Essa não faço eu! Então vossa senhoria não sabe que um animal é como uma alma cristã, que se não comer quanto tiver na vontade não pode trabalhar? Se êle estivesse à boa vida... que não andasse a puxar pelas forças... não digo que não lhe pudesse tirar alguma coisa... a ração por exemplo... mas a trabalhar o ano inteiro... até era um crime!

— Tem razão, é isso mesmo, mas o que me admira é que tenha raciocinado tão bem quanto ao seu macho e não use de igual raciocínio para as suas terras!

E, num entusiasmo crescente:

— Fique sabendo que uma terra de amanhã carece absolutamente, como um animal, de abundante comida e água e, ainda como êle, quanto mais trabalho se lhe exigir, maior deverá ser a dose de alimentos. Chega a ser um crime mas é vocês possuírem terras tão boas que poderiam produzir tanto, e afinal tão pouco dão, umas vezes por negligência, outras por julgarem que sabem muito, teimando em que deve ser como as cultivam, e ainda outras por não saberem.

E note. Procedendo desta maneira, estão vossemecês a prejudicar-se não só a si próprios, como a fazer reflectir êsse prejuizo na economia nacional e nós temos o dever, cada um conforme as suas posses, de contribuir para o engrandecimento da Nação.

Todos os que dentre vós são pais, não querem saber no fim do dia o que fizeram os seus filhos? Creio que sim, e quando algum dêles não tenha feito o trabalho que de manhã lhe destinaram ralham-lhe, chamam-lhe mandrião e fazem-lhe sentir que está a roubar os irmãos, por nem sequer ter produzido o valor da comida que ingeriu.

Pois a Nação é uma mãe que tem muitos filhos e, se bem que não pergunte à noite o que fizemos, nem por isso nos concede o direito de prejudicarmos os nossos irmãos e de nos exirmos a qualquer trabalho, que seja de alguma utilidade para êles.

Ê julgando cumprir em parte essa obrigação que de boa vontade lembrei e me ofereci para fazer estas prelecções.

Por hoje, fico por aqui.

*
*
*

À saída, os trabalhadores dividiram-se em dois grupos. Para um foram os que perceberam e assimilaram, à frente dos quais se encontrava o tio Anastácio; para o outro, os rotineiros, os sabichões e os incrédulos, chefiados pelo Manuel Tomás, um pouco despeitado com o desaire por que havia passado. Quem não soubesse do que se tratava e visse êstes dois grupos separados, com idéias agressivas, lasti-

maria a sorte dos partidários do tio Anastácio, de tão reduzido número. Porém a batalha era de opiniões e felizmente só a língua trabalhou, graças ao ambiente educativo que a direcção da Casa do Povo tinha sabido impor dentro da sua sede.

Se isto se tivesse passado numa taberna, meio deseducador por excelência e só próprio para alimentar e avivar paixões, o caso ter-se-ia complicado e decerto os paus teriam sido chamados em auxílio, mas uma Casa do Povo, quando bem dirigida e orientada, é a perfeita antítese da outra e é só através dela que pode ser possível o melhoramento da educação dos habitantes de uma região rural. É o único antidoto contra o pernicioso veneno da deseducação e da falta de civismo de que enferma ainda tanta gente dos campos.

Foi tal o interêsse que a discussão tomou, que quando os últimos abandonaram o local já o sol se tinha posto, e pela semana adiante, sempre que dois dos contedores se encontravam, de novo vinha o assunto a terreiro.

O senhor Abílio de Castro ia tendo conhecimento do que se passava e com isso ficava satisfeito. Verificava que o terreno onde estava tentando lançar a semente não era tão mau como a princípio supunha.

Foi, portanto, mais animado e cheio de boa vontade que aquêlê senhor deu início à segunda lição.

Na Casa do Povo o cenário era o mesmo da palestra anterior. Sala completamente cheia, ambiente acolhedor, as mesmas caras nos mesmos lugares. O nosso Manuel Tomás, embora não tivesse sido o último a entrar, continuava a ocupar o lugar mais próximo da porta.

— No domingo passado, — começou o senhor Abílio de Castro — ao querer tratar da *mobilização do solo*, saltei involuntariamente para os fertilizantes. Nada está perdido, porque irei iniciar a lição de hoje por êsse outro factor importante da cultura do milho.

De tôdas as culturas, uma das que mais agradece lavoura profunda é, sem dúvida, êste cereal. A ela está ligada principalmente o

problema da água, sobretudo em terras de sequeiro, factor que só por si influi consideravelmente na produção. Tôda a gente o sabe e a tal ponto esta influênciã é conhecida que, mesmo uma destas terras bellissima que seja, pelo facto de não ter água de rega, quando comparada com outra que a tenha, vale em proporção muitíssimo menos.

Se as lavouras fundas tivessem já entrado nos nossos hábitos, já elas se veriam valorizado mais, porque com aquella prática as chuvas infiltram-se de tal maneira que levam ao terreno uma reserva enorme de umidade.

Tôda a planta carece de alimento, luz, ar, calor e umidade para se desenvolver, e é em tórno desta verdade indestrutível que teremos de agir.

Se é uma terra de regadio, ainda a lavoura funda é de aconselhar, não só porque o milho desenvolve mais e melhor as suas raízes, como porque tem havido anos em que por falta de chuvas, em tempo próprio, os poços e as nascentes secam, transformando-a em sequeiro.

Lembrem-se do pouco rendimento que sempre têm nos anos secos sobretudo por faltar ao terreno a umidade que, em certa época, o milho tanto precisa.

Seria muito vantajoso que estas lavouras fôsem feitas com antecedência, visto que, dêste modo, os terrenos armazenariam maior porção de água e beneficiariam ainda da chamada meteorização, que é a acção do ar e do sol na própria terra.

Mas, na agricultura, o aspecto económico impede muitas vezes a realização do óptimo, pois na verdade, para proceder desta maneira, seria preciso que a terra estivesse livre durante os meses que antecedem a cultura do milho.

Como vocês sabem, nem sempre isso acontece, pois na maior parte dos casos a cultura anterior deixa a terra pouco antes da sementeira daquelle cereal.

Depois, até chegar a sementeira, gradagens periódicas para des-

truir algumas ervas que a umidade armazenada tenha feito nascer, completariam aquêlê serviço.

Em qualquer dêstes dois tipos de terreno e conforme a constituição de cada um dêles, têm ainda acção preponderante outras máquinas, como destorroadores, e os vários sistemas de grades. Para as lavouras fundas já vocês conhecem uma bellissima máquina. É a subsoladora Rud Sack, que pode afundar até 70 centímetros. Tem graça o nome de «toupeira» com que um de vós a crismou. Está realmente muito bem aplicado, porque faz o mesmo trabalho que aquêlê animal, isto é, mina e rasga as camadas do subsolo sem as trazer ou misturar com as da superfície, o que poderia trazer à cultura conseqüências de certa gravidade, sobretudo quando aquêlê fôsse muito diferente dêste. Está nisso a sua maior vantagem.

Devo ainda frisar que estas lavouras são tão úteis em terrenos demasiado secos, contribuindo para o armazenamento da água, como nos exageradamente úmidos, obrigando a descer para o fundo da lavoura a água que, em excesso, circula à superfície.

— Ó senhor Abílio de Castro: como quere vossa senhoria que se faça cá tudo isso com essas máquinas tôdas, se era preciso um «rôr» de dinheiro para se comprarem?! — disse o Manuel Tomás, supondo que iria deitar por terra, por impraticável, tudo o que aquêlê senhor estivera explicando.

— Muito fâcilmente; a solução é simples. A vossa Casa do Povo ou o Grémio da Lavoura mandariam vir essas e outras máquinas em que lhes hei-de ainda falar, como semeadores, etc., e depois alugá-las-ia aos sócios por preços muito baixos, ao alcance de qualquer de vós e unicamente para ajuda do prejuízo da depreciação do material. Já vê que não é coisa impossível. Sê-lo-ia sim, antes do regime corporativo, mas desde que êste, em tão boa hora, foi lançado, tudo é possível por seu intermédio. Pena é não ter sido ainda compreendido por todos como devia, e é de lastimar também que, em algumas Casas do Povo, os únicos interessados, que são os trabalhadores rurais, tenham tanta relutância

em se inscreverem como sócios. Porque não lhe vêm benefícios imediatos, preferem depender na taberna, em poucos minutos, a importância que lhes chegaria para pagar, durante alguns meses, a sua quota.



A Casa do Povo, feliz instituição de largo alcance social, educativo e moral, é a defensora dos vossos interesses particulares e colecti-

vos sempre em jôgo. Onde êles estiveram ameaçados, ela lá está para os salvar, com a força que a êsse organismo o Estado concede.

Não cito os benefícios que ela pode dar, porque são muitos e variados. Esta vossa, por exemplo, além dos que vocês já têm recebido e com estas minhas prelecções estão recebendo, vai adquirir brevemente as máquinas precisas para a próxima cultura do milho, máquinas que vocemessê, Manuel Tomás, diz custarem um rôr de dinheiro, e que ela porá à disposição dos seus associados. Só êste acto, da parte da sua digna direcção e por proposta minha, quanto representa? Já vêem o carinho e a ajuda que em tôdas as emergências lhe devem dar! Localidades há, porém, onde ainda não existem estas simpáticas e úteis Casas do Povo, mas isso não constitui obstáculo para o emprêgo dessa maquinaria.

O Ministério da Agricultura, por intermédio das suas Brigadas Técnicas, espalhadas pelo País, põe à disposição de qualquer interessado não só tôdas as máquinas precisas para as várias culturas e diferentes solos, como assistência oficial gratuita. Mais ainda: Se fôssem muitas as pessoas que necessitassem dessa assistência e para os diferentes trabalhos agrícolas do ano, seria até possível, por pedido dos interessados, conseguirem para a região o estabelecimento de uma delegação da Brigada que nela superintenda.

A propósito, deixem-me manifestar neste momento o meu aprêço, a minha admiração, o meu entusiasmo, enfim, pelo serviço humanitário e patriótico que tôdas essas Brigadas, chefiadas por competentes técnicos, têm desenvolvido a bem da nossa agricultura. Criações do Estado Novo, muito esta lhe está devendo e seria ingratição da minha parte não o deixar aqui bem expresso.

Continuando agora a nossa prelecção, entremos na parte respeitante aos *fertilizantes*, que quer dizer, alimento para as terras. De uma maneira geral, pode êste ser-lhes fornecido pelos estrumes, ajudados pelos adubos químicos como complemento e ainda pelo enterramento de certas

leguminosas em verde, recurso a que teremos de lançar mão quando não dispusermos de estrumes suficientes.

Quanto aos primeiros, dir-lhes-ei: para que o milho possa beneficiar completamente da sua acção fertilizante é preciso enterrá-los com certa antecedência da sementeira, a fim de que neste intervalo de tempo êles possam sofrer a transformação a que o terreno e os microorganismos os vão sujeitar.

Se quiserem que o milho seja beneficiado por êles mas não por completo, isto é, que depois dêle colhido ainda fique no terreno quantidade fertilizadora apreciável, então o seu enterramento deverá ser feito na ocasião da lavoura de preparação da sementeira.

Uma observação, porém, a fazer: é que não os deverão conduzir para o campo senão nas proximidades de serem enterrados, porque perdem parte do que têm de bom, quando permanecem muitos dias à espera.

— Mas os estrumes nem todos são iguais; uns são grossos e outros miúdos — esclareceu o José da Laura.

— Tem razão. Êsses grossos estão mal curtidos, ao contrário dos miúdos, como vocês lhes chamam. Convém deitar no milho os de meia curtimenta, ou mesmo os muito curtidos, porque os grossos, também chamados palhosos ou palhuços, levam bastante tempo a transformar-se em húmus e o cereal pouco viria a beneficiar da sua presença no terreno.

— Vossa senhoria podia explicar-me o que vem a ser êsse «húmus» em que falou agora? — continuou o mesmo.

— Pois não. É a substância em que se transforma a matéria orgânica para ser aproveitada pelas plantas. Em qualquer estado que ela vá para a terra não é aproveitada enquanto não estiver convertida ou transformada em húmus.

— E os mi... mi... cranismos, o que são?

— Microorganismos, quiere você dizer. São uns bichinhos muito pequeninos que tôda a terra contém em maior ou menor quantidade.

mas que os nossos olhos não podem ver, por serem de uma extraordinária pequenez. São êles que operam aquela transformação, modificando os alimentos que ela contém e os que pelas estrumações, adubações químicas, etc., se lhes fornece de forma a poderem ser aproveitados pelas plantas. Até lhe chamam, por isso, os cozinheiros da terra. Se não fôsem êles, ajudados por outros factores, como a água, o ar, e o calor, etc., que lhes favorecem a existência, tanto os estrumes (matéria orgânica) como os adubos (matéria mineral) se manteriam no solo no mesmo estado como para lá tinham entrado, de quasi nada valendo às plantas a sua incorporação. Vêem, pois, quanto lhes devemos e como temos nêles preciosísimos colaboradores, os quais, além do trabalho que nos prestam, não nos exigem salário.

— Mas então o milho não se sustenta com o que a gente lhe deita?

— Sim e não. Sim, porque é com estrumes e adubos que êle se desenvolve e produz. Não, porque tôdas estas coisas que lhe deitamos precisam de ser transformadas, o mesmo é dizer cozinhadas. Você come as batatas, os nabos, as couves, os feijões secos, o grão, etc., tal qual os colheu?

— Não senhor, ora que idéial!

— Então explique-me por miúdos o que é preciso fazer-lhes para que os possa comer.

— Ora, é cozinhá-los, está bem de ver!

— Pois claro, mas eu queria que me explicasse isso de uma outra forma.

— !!...

— Então não vai?... É muito simples... ouça. A sua mulher, na cozinha, coze as couves, os nabos, etc., para que você os possa ingerir e depois trabalhar, não é assim?

— É sim senhor.

— Pois os tais bichinhos, na terra, transformam os adubos, estrumes, etc., em alimentos assimiláveis, para o milho e as demais culturas

se alimentarem e portanto crescerem e produzirem. Repararam na grande semelhança que há entre uma coisa e outra?

— Reparámos sim senhor, disseram alguns.

Para ficar melhor gravado nas mentes, aproveitou a estada na sala de um quadro do curso noturno de instrução primária que ali funcionava, para escrever o seguinte:

Os microorganismos	{ na terra	{ transformam os adubos, estrumes, etc.	{ em alimentos assimiláveis	{ para o milho e demais culturas se alimentarem e portanto crescerem e produzirem.
Os cozinheiros	{ na cozinha	{ transformam os nabos, couves, feijão, etc.	{ em alimentos comestíveis	{ para o homem se alimentar e portanto trabalhar e produzir.

— Quanto aos adubos químicos, devo esclarecer-vos de que são óptimos auxiliares do agricultor progressivo, pois a sua racional utilização, em conjunto com os estrumes, pode facultar-nos colheitas mais elevadas, que é afinal o que todos ambicionamos.

Como lhes disse ainda há pouco, os estrumes estão em primeiro lugar, e os adubos só devem servir para completar a quantidade de elementos que àqueles faltam. É que os primeiros fornecem sobretudo a matéria orgânica; os segundos, visto serem produtos minerais, levam aos terrenos os elementos nobres em outro estado muito diferente daquele. De matéria orgânica e mineral tôdas as terras e tôdas as culturas têm absoluta necessidade, em maior ou menor quantidade e, no caso presente, o milho tem delas uma exigência grande.

Já vêem, pois, que não procedem bem quando, para qualquer cultura, só lhe deitam estrume ou adubos.

— Mas, já tenho ouvido dizer que os adubos são um veneno e desde que a gente os usa é que há mais doenças — disse o António Botas.

— De facto dizem isso nas cidades, porque não sabem a acção dêles, mas a causa de aumentarem as doenças é todos nós termo-nos afastado cada vez mais das boas regras em que devíamos viver, regras que a natureza nos havia traçado e que pouco a pouco fomos esquecendo. Vocês, pelo seu modo de vida, ainda respeitam algumas, por exemplo, alimentando-se de uma maneira simples, respirando ar puro do campo e recebendo diàriamente a luz do sol criador. Nas grandes cidades, sobretudo, leva-se no geral uma vida anti-natural e é por isso que lá há mais pessoas doentes do que aqui.

Voltando, porém, ao assunto que estava tratando... os adubos podem ser elementares ou compostos. À primeira classe, pertencem os que fornecem um só elemento; à segunda, os que se compõem pelo menos dos três principais que as plantas exigem, que são: azoto, ácido fosfórico e potassa. Quere dizer, o doze por cento que vocês usam para o trigo e o amónio que empregam no milho são adubos elementares, porque o primeiro só tem ácido fosfórico e o segundo, azoto. Ora, qualquer dêstes dois cereais, como de resto tudo o que se cultiva para poder produzir compensadoramente, precisa dos três lementos que indiquei há instantes, e são: azoto, ácido fosfórico e potassa, em proporções devidamente calculadas, parte dos quais na sementeira e parte de outros em cobertura, isto é, depois das plantas nascidas.

— Mas a gente deita cá no milho só o amónio e êle vai dando... — de novo interveio o António Botas.

— Diz-me... Quando a tua mulher põe na mesa couves cozidas para a ceia comes logo a comê-las?

— Não senhor. Migo-lhe pão e tempero-as com azeite.

— E porque não as comes tal qual as recebeste?

— Porque só couves cozidas, sem levarem mais nada, dão pouca fôrça a um homem...

— Todos os rotineiros raciocinam da mesma maneira! É curioso! No último dia foi o Manuel Tomás; hoje és tu! Sabem e muito bem que um animal ou um homem para poder trabalhar precisa de comer

várias coisas e em quantidade, sem as quais não se lhes pode exigir certa soma de trabalho que, quando bem alimentados, qualquer dêles estaria em boas condições de prestar. Tratando-se do terreno, que é tal qual um animal de trabalho, esquecem que se não lhe derem os alimentos precisos não pode produzir o que dêle se poderia esperar!

— Mas o milho é o cereal que sai mais caro e por isso não agüenta a despesa da adubação — insistiu o mesmo.

— Não é verdade. Posso garantir-lhes que, pelo contrário, é dos mais compensadores, quando a sua cultura seja subordinada a uns certos preceitos, fáceis até de seguir. Outras há, como por exemplo a do trigo, que são muito mais contingentes. A vocês parece-lhe não ser assim, porque fazem ao milho só o indispensável e isso mesmo mal feito! Seria preferível semear menos terra e bem, do que muita e mal.

E, um pouco nervoso, embora esforçando-se por não o dar a conhecer, apagou o que estava no quadro para escrever o seguinte:

Um animal ou um homem	$\left\{ \begin{array}{l} \text{para bem poder} \\ \text{trabalhar e} \\ \text{conservar-se} \\ \text{gordo} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{carece de boa} \\ \text{alimentação} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{e quanto mais adequada e} \\ \text{nas doses óptimas t\^o r} \\ \text{ministrada, maior ser\^a a} \\ \text{soma do trabalho produ-} \\ \text{zido e portanto mais ele-} \\ \text{vado o rendimento.} \end{array} \right\}$
--------------------------	--	--	--

Um terreno	$\left\{ \begin{array}{l} \text{para bem poder} \\ \text{produzir e} \\ \text{conservar-se} \\ \text{f\^e rtil} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{carece de bons} \\ \text{e racionais} \\ \text{fertilizantes} \end{array} \right\}$	$\left\{ \begin{array}{l} \text{e quanto mais adequados e} \\ \text{nas doses óptimas forem} \\ \text{ministrados, maiores se-} \\ \text{r\^a o produ\c\~o e, portan-} \\ \text{to, mais eleva\do o ren-} \\ \text{dimen\to.} \end{array} \right\}$
------------	---	---	---

— Se o simples uso de um adubo elementar — continuou — desacompanhado de outros adubos ou estrume, é inconveniente como já lhes expliquei, no que se refere à cal como tantos ainda fazem, chega a ser barbaridade! Se não, reparem:

E de novo apagou o que estava no quadro e escreveu:

A cal	{	no terreno	}	faz reünir;	mobiliza	}	os poucos	}	mas não faz	}	e acaba por
		pouco es-					elementos				
		trumado					fertilizan-				a ponto de
		ou pouco					tes que êle				quási nada
		adubado					possa con-				produzir.
							ter				

Outro exemplo de efeito semelhante:

O vinho ou a aguar- dente	{	no homem	}	faz reünir;	exalta	}	as poucas	}	mas não faz	}	e acaba por
		pouco ali-					fôrças que		aumentar		definhá-lo
		mentado					êle tem em				e torná-lo
							si				incapaz de
											fazer seja
											o que fôr.

E ainda outro:

A corneta		no quartel		faz reünir	{	os soldados que	}	mas não faz au-
						estão lá dentro		mentar a quan-
								tidade.

— Por igual o uso do amônio só poderá ser considerado benéfico, desde que na terra existam os elementos fertilizantes além do azoto julgados indispensáveis e em proporção conveniente. Fora disso, só irá provocar maior desequilíbrio onde êste já exista.

Das comparações feitas, há só uma diferença, que para o nosso caso é muito importante: No quartel, antes e depois do toque de reünir, os soldados são os mesmos; no homem pouco alimentado, o uso do vinho ou da aguardente, e no terreno o da cal ou do amônio desacompanhados, acaba por esgotá-los. Uns e outros funcionam como excitantes e daí a impressão de que dão força, quando, afinal, só a tiram. O mesmo não sucederia, se o terreno andasse bem estrumado e adubado e o homem bem alimentado. Longe de os prejudicar, só benefício lhes dariam.

Além do que vos citei contra o uso do amônio nas condições deploráveis em que o fazem, como adubo exclusivo na cultura do milho, tem ainda o defeito de tornar ácidas essas terras, favorecendo assim a propagação do terrível «alfinete» de que já lhes falei e que

as prefere a quaisquer outras. Impensadamente, pois, estão a gastar dinheiro para tornar, de futuro, as vossas terras de milho impróprias para essa cultura. Se tiverdes prestado atenção a tudo quanto vos expus tereis compreendido o motivo porque tanto tenho insistido na extraordinária vantagem que temos em trazer as nossas terras alimentadas o melhor possível, e isso só se poderá conseguir com a estrumeação por base e a adubação química equilibrada, por complemento.

— Tudo isso que vossa senhoria tem dito é muito bonito e não duvido que não seja assim, mas para adubos é preciso dinheiro e tôda esta gente anda muito carecida dêle — atirou lá do fundo o Manuel Tomás, que persistia em não dar o braço a torcer e começava receando que a lógica e o bom senso triunfassem e a êles tivesse de se submeter.

O senhor Abílio de Castro não se deu por aborrecido, embora soubesse já que daquela pessoa as objecções não eram com intenção de fazer luz, mas sim de ferir e de provocar embaraço na resposta. Ainda que contrariado, aparentou serenidade e boa disposição.

— Gosto de o ouvir, sr. Manuel, e estou sempre pronto para o atender. Com que então... o sr... tem achado bonito o que tenho explicado... Muito me apraz registrar... e agradeço-lhe a sua... amabilidade. Ora, dessa sua confissão, depreendo e não me engano, que o sr. tem concordado comigo em tudo, inclusivamente em que há tôda a vantagem em alimentar as terras de cultura o melhor que se puder, para que elas nos possam dar, em troca, maior rendimento, não é verdade?

— Sim senhor, mas é que os adubos são caros e a maior parte da gente não tem dinheiro para outras coisas, quanto mais para êles!

— Pois eu respondo-lhe, sr. Manuel, que é com pesar, mesmo grande pesar, que desde sempre tenho verificado vocês assim pensarem, colocando outras coisas, quaisquer que sejam, em primeiro lugar do que os adubos, ou seja, o alimento para as suas terras! Se se lembrassem de que vivem delas, e quanto mais produzissem maior rendimento teriam, talvez pusessem em plano secundário as tais outras coisas...

— Quanto gastou vossemecê, há perto de dois anos, com aquela questão em que andou envolvido com o seu vizinho?

— Ora senhor, foram-se-me uns três contos de réis, mas fiz gastar ao outro mais do dôbro, para não se rir de mim! Eu felizmente tinha-os apesar de me ter feito diferença, mas êle teve de os pedir emprestados; está a pagar juros e não sei quando os poderá entregar ao dono.

— E o que você ganhou, valeu o dinheiro que gastou?

— Não senhor... aquilo pouco valor tinha... uma teima e mais nada... Foi assim: Êle tem um pinhal pegadinho a um meu; mesmo na estrema está um pinheiro manso que, na verdade, houve sempre dúvidas se seria meu ou dêle, pela maneira como está. Um ano antes da acção, para bolir comigo, deu-lhe para o ir limpar e acarretar a lenha para casa. Como andávamos de mal havia muito, meti-o logo num processo e daí o resto que se sabe.

— Ora, sr. Manuel, é precisamente isso que eu lamento!

Essa é uma das tais muitas coisas que vocês colocam em primeiro lugar do que os adubos! Para êstes não têm uns centos de escudos, mas para questiúnculas hão-de aparecer alguns milhares, porque se não os houver em casa, vão-se pedir emprestados!! Se vocês pedissem antes o dinheiro para êles, cuja judiciosa aplicação só bons resultados lhes dariam e acabassem com elas, que só despesas e dissabores lhes acartam, veriam logo no primeiro ano aumentar os vossos rendimentos. E agora que me responde?

— Que vossa senhoria tem razão... é realmente um grande mal a gente não pensar... — respondeu, vencido de todo, o Manuel Tomás.

— Ainda bem que o vejo começar a raciocinar, e no dia em que todos o imitem e se desliguem dessas falsas idéias que os têm trazido sempre subjugados e prejudicados, verá como tudo muda e progride. Para finalizar o assunto desta segunda lição, citarei duas grandes verdades de um amigo meu, que lhes peço para gravarem bem nas vossas memórias: «Se é caro adubar bem, é muito mais caro adubar mal» e



«Em adubações químicas, quem *pouco* gasta, *mal* gasta; quem *muito* gasta, *melhor* gasta».

Os partidários do Manuel Tomás, presenciando as novas derrotas do seu chefe e envergonhados por militarem num grupo com idéias tão facilmente destrutíveis, abandonaram-no e começaram a passar-se para o lado do tio Anastácio, que exultava de contentamento vendo o resultado que em tão pouco tempo se estava tirando daquelas prelecções.

Quanto ao outro, saiu sem dizer palavra e o leitor e nós poderemos quasi fazer uma idéia exacta, sem que elle no-lo diga, da formidável luta que daí em diante iria travar-se no seu cérebro! Para a avaliar, deveremos ter em atenção a sua idade avançada, sempre habituado aos processos antiquados e ruins, sem jamais ter querido amoldar-se aos que a lógica e o bom senso há muito aconselham.

Durante essa semana, o entusiasmo não diminuiu e fôra até compartilhado por algumas mulheres, contagiadas pelo que ouviam aos seus homens.

No terceiro domingo, como nota digna de reparo, deveremos mencionar o procedimento do Manuel Tomás. Houve quem supusesse, por conhecer o seu feitio teimoso e avêso a coisas que não fôsem antigas, que elle não tornaria a frequentar aquella casa, e entre os que assim pensavam já o leitor está pondo o dedo no senhor Abilio de Castro e no tio Anastácio, os quais tinham para isso razões de sobra. Enganaram-se, porém. Lá estava elle. Abandonara o seu costumado lugar ao pé da porta, indo colocar-se no meio da assistência.

Logo de entrada o senhor Abilio de Castro, num relancear de vistas por toda a casa, deu pela presença do Manuel Tomás e, com manifesta satisfação, deu início à terceira palestra.

— Vamos hoje entrar na *sementeira* *prôpriamente dita*, começando por analisar a melhor época para ela, dentro, é claro, dos meses que

estão naturalmente indicados para cada uma das regiões. Isto, parecendo que não, é um ponto importante, porque a maior parte das pessoas olham mais ao dia do mês em que se habituaram a fazê-la, do que à sazão da terra e ao tempo que nesse momento está fazendo. Sendo o milho originário de um clima quente, como já lhes disse, muito sofre com os frios. Deveremos, pois, evitar semeá-lo enquanto durarem as geadas tardias da primavera e aguardar que o terreno esteja um pouco aquecido. Muitos teimam em deitá-lo à terra, a despeito disto, no tal dia em que nos anos anteriores se habituaram a semeá-lo, e admiram-se do nascimento demorar mais do normal, fazer-se irregularmente e as plantas virem amarelecidas e fraquinhas. Aos outros que não tem pressa e esperam pela boa oportunidade, que é a terra úmida e tempo quente, em que já passou o perigo das geadas, o milho nasce poucos dias depois de semeado, com mais regularidade, e de côr verde escura. Sempre tem melhores condições de vida do que os outros. Também se deve evitar fazer a sementeira por tempo chuvoso, porque se a chuva dias antes é sempre benéfica, dias depois é quasi sempre prejudicial, a não ser que as plantas tenham atingido a altura de 10 centímetros.

Há muitas vezes prejuízos grandes, porque, se a água persiste, pode fazer perder a germinação da semente e apodrecê-la; se é passageira e a seguir vêm dias de sol forma-se uma crosta à superfície, devido à compressão da chuva, que impede a saída do caulículo, e a maioria encaracola sob a sua dureza.

Quanto ao *enterramento da semente*, a profundidade entre 4 e 7 cm., conforme se trate de terras de regadio ou de sequeiro, deve estar bem. Um dos insucessos desta cultura é não só o que acabei de citar sobre a chuva, como a demasiada e variada profundidade a que é costume ficar a semente. Há quem a aumente propositadamente, por julgar nisso conveniência para o milho, mas só o prejudica. Se recorreremos ao raciocínio e à experiência, êles nos mostrarão que assim é.

Dois casos se podem dar: ou a semente ficou demasiadamente

funda e não tem força para chegar ao cimo da terra (é o que frequentemente sucede aos bagos que na sementeira a lança caem nos intervalos das leivas) ou a fundura a que ficou, ainda que normalmente excessiva, permite-lhe, no entanto, germinar e aparecer. Os que estão neste último caso, criaram no fundo umas pequeninas raízes provisórias, mas foram obrigados a emitir novas e definitivas, um pouco abaixo da superfície do solo, secando-se depois as primeiras.

Quere dizer, enquanto a semente colocada à profundidade racional teve só de lançar as raízes definitivas, a outra semeada demasiadamente funda teve de gastar energias para criar outras que de nada lhe valeram. Experiências curiosas e conscienciosamente feitas, de sementeiras a várias profundidades, provaram que o milho, não sendo semeado à profundidade racional, se atrasa na sua vegetação e despende esforços improdutivamente, que durante a sua curta vida lhe hão-de fazer falta.

Sobre os *métodos de sementeira*, podem ser à mão ou à máquina, também conhecidos pelos nomes de a lança ou em linhas. O primeiro processo, infelizmente ainda muito usado, está sendo substituído pelo segundo que tem sobre aquêlo grande número de vantagens. Algumas das principais, que muito contribuem para o aumento da produção e portanto para a diminuição do custo, (finalidade para que deve tender tôda e qualquer cultura racional) são:

- 1.^a Enterramento da semente à mesma profundidade e daí o ser mais uniforme o nascimento das plantinhas;
- 2.^a Maior e mais regular espaço para se desenvolverem, ficando cada uma delas com igual cubagem de terra; mais e melhor iluminadas e arejadas;
- 3.^a Simplifica enormemente os amanhos tornando-os mais económicos;
- 4.^a Maior economia de semente;

5.^a Evita a ressementeira, total ou parcial, tão vulgar na feita a lança, devida aos defeitos inerentes a êste método.

Já informei que a máquina semeadora é uma das que a vossa Casa do Povo vai mandar vir, mas se succeder algum não poder esperar pela sua vez, aconselho-o a que, mesmo assim, ponha de parte a sementeira a lança e faça-a com a enxada ao covacho ou ao rêgo, de forma semelhante à do semeador.

Verão como mudando só o processo de semear, a produção aumenta. É que à linha, manual ou mecânicamente, o desenvolvimento do milho faz-se em condições muito mais favoráveis do que a lança.

A direcção a dar às linhas, não é qualquer. Se uma das vantagens dêste processo é permitir às plantas uma iluminação mais perfeita, é intuitivo que só orientando-as na direcção Norte-Sul elas obterão a maior quantidade de luz. Como corolário, teremos de fixar as distâncias entre as linhas e ainda as distâncias na própria linha. Tanto uma como outra varia com a qualidade do terreno e ainda se de regadio ou sequeiro, clima, adubação, porte do milho, etc. Conforme os casos e segundo vários autores, poderá a primeira ir desde 40 a 80 cm., e a segunda de 40 a 20 cm. Como indicação, nos terrenos regados e férteis, poderemos adoptar menores afastamentos do que nos de sequeiro. Compreende-se facilmente que assim seja, desde que nos lembremos que quantô mais denso fôr um milheiral, mais água precisa. Em todo o caso não errarei se indicar como média para um terreno de regadio 50 a 60 cm. e para um de sequeiro 60 a 70 cm. entre as linhas e 20 cm. na linha.

— Mas não fica muita terra perdida, sem semente? — ouviu-se uma voz perguntar.

— À primeira vista parece que a sementeira fica rala, e quem não sabe aflige-se de princípio, mas se a terra tiver bons alimentos verão como depois o milho se desenvolve e tôda ela fica composta.

É preciso compenetrarem-se de que mais produzem poucos pés

convenientemente espaçados, do que muitos, bastos e mal distribuídos.

A propósito, vou contar-lhes um caso que se passou comigo.

Sucedeu-me uma vez não estar presente, quando a uma das minhas terras de milho fizeram o desbaste (ainda tinha sido a lanço) e o encarregado, sabendo que ela estava bem estrumada e adubada, entendeu dever deixá-la um pouco sôbre o basto. O resultado foi desastroso. As plantas, à procura de ar e luz esgrouviam e, de fortes que eram, tornaram-se fracas, sendo grande a percentagem de pés improdutos que tive de mandar arrancar por estar a prejudicar os outros. Nunca a seara me havia dado tão pouco! O desbaste é, pois, uma operação que influi grandemente nesta cultura, e da forma como fôr feito depende a produção, como ouviram.

— É para o feijão, que a gente costuma semear quando o milho, como se há-de proceder?

— Antes de o deitar para o reservatório da máquina, mistura-se-lhe cá fora o feijão, na quantidade que cada um quiser. Já que falaram neste legume, devo aconselhá-los a que ponham de parte essa variedade trepadora que trazem, porque aflige o milho em demasia, substituindo-a por uma qualquer rasteira, que as há boas e muito produtivas. Estas, para o seu desenvolvimento, beneficiam da muita luz que o milho, ainda pequeno, não lhes tira, e quando êste está crescido gozam da sua sombra.

Sôbre esta consociação divergem as opiniões dos técnicos. Uns, dizem que não advém prejuízo para a cultura do milho e por isso se pode afoitamente semear êste cereal com um legume rasteiro; outros afirmam, e até certo ponto com uma certa razão, que milho e feijão dissociados produziriam mais do que em mistura como habitualmente se faz. No entanto nada de positivo está assente. Só por meio de experiências se poderá chegar a alguma conclusão.

Entretanto agora no capítulo dos *amanhos culturais*, aparece em primeiro lugar o *desbaste*, ou *monda*, de que há instantes tratei. Seguir-se-á a *sacha*, operação de um benefício incalculável em qualquer

cultura, mas sobretudo nesta. Vocês sabem que depois de uma chuva ou de uma rega o terreno ganha uma crosta à superfície e abre grêtas. Se estas não forem desfeitas, parte da água safa-se através delas para a atmosfera. Além disso, as ervas ruins são outro meio de diminuição da umidade e dos elementos fertilizantes da terra, ambos tão necessários ao milho. Para desfazer aquelas e destruir estas, nada melhor do que as sachas.

— Mas a gente costuma sachar o milho...

— É quantas sachas lhe fazem?

— Uma, quando o desbastamos.

— Pois é. Nessa ocasião, sacham e amontoam ao mesmo tempo, mas não devia ser. Atendendo aos fins que com elas queremos atingir, seria conveniente fazer o maior número de sachas possível, porque com elas evitaríamos perdas de umidade, destruindo os canais por onde a água se evapora, permitiríamos que a luz e o ar penetrassem no terreno e iríamos diminuindo pouco a pouco o grande número de ervas ruins. Para bem, deveríamos fazer a primeira um pouco funda, a 5 cm., logo que as plantas tivessem 10 a 15 cm. de altura. As seguintes, que conviria fôsem feitas dias depois de uma rega ao milheiral, ou após uma boa chuvada, seriam tanto mais superficiais quanto mais adiantado fôsse o estado de vegetação do milheiro. É que as suas raízes, vivendo quasi à flor da terra e alongando-se nas entrelinhas (refiro-me à cultura à máquina e não a lanço, processo que, felizmente, tende a desaparecer) se não tivermos isso em atenção, correremos o risco de cortarmos muitas com o que as plantas viriam a ressentir-se.

Estas últimas sachas, ligeiríssimas, só para desfazer a crosta e as grêtas, e matar as ervas ruins, poderiam ser feitas com um gadanho de dentes de ferro. Com êle conseguir-se-ia o resultado em vista, porque é rápido e portanto económico, mobiliza ligeiramente o solo, como que o esgaravata, ou arranha, desligando dêle as ervas, que secariam, e não corta as raízes dos milheiros. Aconselho-o, porque o uso com agrado.

É numa destas sachas que os tais adubos em cobertura, de que lhes falei ao tratar das adubações, devem ser aplicados, sobretudo os que fornecem o azoto, como os nitratos e os amónios, e também os fosfo-azotados que contêm a mais o ácido fosfórico. Uma prevenção importante é de que não devem deitar êstes adubos senão quando as fôlhas dos milheiros estejam enxutas.

A *amontoa*, outro amanho de utilidade provada e complemento da sachá, serve para favorecer a emissão e engrossamento de raízes adventícias, preciosa ajuda com que a planta conta para melhor se fixar ao solo, arrostando sem dano com as ventanias e ainda para, através dela, se alimentar e absorver umidade. Não deve ser porém exagerada, visto, de benéfica que é, poder assim tornar-se prejudicial, dificultando o andamento da água nas regas e não trazer êste exagêro aumento de produção.

As sachas e a *amontoa* podem ser executadas também à máquina, por sinal bem interessante, ficando êstes serviços muito em conta. Depende da prática do trabalhador fazer êstes trabalhos culturais mais ou menos perfeitos.

— Vossa senhoria falou há pouco em que uma das coisas boas das sachas era destruir as ervas ruins, mas peço desculpa em dizer que fazem falta aos gados. Uma pessoa ia à fazenda e sempre trazia de lá alguma coisa para êles comerem. Com as terras rapadas, que verdura se lhes há-de dar? — voltou de novo à carga o Manuel Tomás, que, apesar de já muito mudado, ainda uma vez mais fôra acicatado pelo seu feitio rotineiro e de que não se pudera ainda ver de todo livre.

— Não é bem assim sr. Manuel. De tôdas as ervas espontâneas que essas terras criam, só aproveitam uma pequeníssima parte. As que êles rejeitam, continuam a chupar o terreno e a empobrecê-lo de elementos que deveriam pertencer exclusivamente ao milho. Mal anda o agricultor que para sustento dos seus gados está atido ao que em ervas ruins as suas terras de cultura lhe possam dar! É o mesmo que estar a sustentar uma dúzia de criados e só receber trabalho de três! Eu bem

sei que procedem assim por... economia! Mas isso é uma economia errada! Lucrativo para nós e para os gados seria destinar-lhes uma fôlha de bom terreno, estrumado e adubado convenientemente, onde semeássemos uma mistura de ervas próprias para a sua alimentação, chamadas forragens, e continuarmos a luta intensa contra tôda a casta de ervas ruins que se nos deparassem nas terras de cultura, em especial nas do milho. Estão sômente a esgotá-las sem tirar daí a mais pequena utilidade.

— Mas vossa senhoria, que sempre anda de volta com as terras, a mandar sachar e mondar, não conseguiu ainda ver-se livre delas...

— Não tenho nem posso ter essa pretensão, tanto mais sendo terras férteis e andando bem alimentadas. Mas, repare. Se com todos êstes cuidados ainda nelas se desenvolvem tantas, se não os tivesse, o que sucederia? Infestavam-mas de tal maneira que a cultura seria abafada por elas e sucumbiria.

— Mas os seus vizinhos também as têm, não cuidam de as tirar e não se vêem aflitos com elas.

— Diga-lhes que as estrumem e adubem como eu e depois me dirá o resultado. Vossemecê não sabe que quanto melhor alimentadas elas estiverem, mais ervas se lhes desenvolvem? Eu gosto até que nas minhas continuem a aparecer, apesar de lhes ter declarado há muito uma luta de extermínio, porque é bom sinal. Vocês não costumam dizer, quando uma terra é muito ruim, que nem erva cria?

— Sim senhor, é verdade.

— Pois então não se esqueça do que me ouviu e fique-se com esta, dita por alguém que tinha muita razão e muito bom senso: «Um dos indícios de progresso de uma exploração rural é o modo como se estabelece a luta contra as ervas daninhas».

*

* * *

Se no segundo domingo o Manuel Tomás vira afastar-se a maioria dos que o seguiam, no terceiro, ficara completamente só. As derrotas

sucessivas porque passara, levaram-lhe os poucos que em idéias ainda se lhe mantinham fiéis, ficando isolado. O tio Anastácio, era agora o chefe de tóda aquela gente. Sem lutar, sem forçar, sem sequer pedir, tinha visto engrossar o seu grupo, só porque a luz do raciocínio tinha começado a penetrar naqueles cérebros, tão incultos como a terra em bravio, e desabituaados de pensar.

Servirá isto de exemplo a todos os que desesperam ou duvidam da possibilidade de se modificar a mentalidade do trabalhador rural. O que eles precisam é de quem os persuade desta ou doutra maneira semelhante, e para nós nada mais prático e simples do que prelecções desta natureza nas várias Casas do Povo, permitindo-se aos ouvintes fazerem quantas objecções quizerem, de forma a serem imediatamente argumentadas.

— As *regas*, outro importante trabalho cultural do milho, vão servir de abertura à nossa lição de hoje — começou por dizer o sr. Abílio de Castro. — Como sabem, sobretudo por experiência própria e por várias vezes aqui ter frisado, o milho é das culturas que mais água precisa. Não errarei se afirmar que ela é o factor dominante desta cultura. De resto, nenhum ser vivo, vegetal, animal ou humano poderia viver sem êste precioso líquido com que a natureza, sempre pródiga, nos contemplou.

Devemos abrir aqui um parêntese e o leitor decerto nos desculpará, para lhe darmos uma novidade com que não conta, mas que não lhe repugna, nem lhe causará estranheza, se tiver prestado atenção ao desenrolar desta novela. O Manuel Tomás, aquêlé patusco que durante a primeira e a segunda lição se fôra colocar no lugar mais próximo da porta para se poder safar quando lhe apetecesse, e na terceira apareceu entre os ouvintes do meio da sala, dirigiu-se hoje à Casa do Povo, mais cedo do que era hábito, para ocupar um lugar na primeira fila. Com êsse acto deixou surpresendidos quantos iam chegando, tendo causado verdadeira surpresã ao tio Anastácio e ao sr. Abílio de Castro.

Êste facto, deveras elucidativo, apesar de mudo, foi a primeira

recompensa moral que êste senhor teve, e quem fôsse perspicaz e observador ter-lho-ia notado no rosto.

— Já lhes ensinei que as lavouras fundas, sobretudo em terras de sequeiro — continuou — são um meio esplêndido para armazenar a umidade e sem elas não haveria possibilidade de o conseguir. Nas de regadio, apesar de terem acção importante, há a facilidade de as regarmos. Tôda a gente sabe como as regas se fazem e não perderei tempo com explicações. Sômente desejo referir-me a certos preceitos que devem conservar na memória.

Assim, o milho deve ser regado nas primeiras idades, antes mesmo de mostrar sêde. Durante o crescimento, se a falta de água lhe é prejudicial, o excesso não o é menos. Sempre que seja possível, convirá efectuar as regas depois do calor passar, isto é, à tarde ou à noite, para que êle goze ao máximo, mas se se pretender que as plantas adiantem, dever-se-ão fazer às horas de maior sol. Em todo o período da vida do milheiro a rega é-lhe útil, excepto quando se está a dar a fecundação. Não se pode fixar o número de regas a dar, visto isso depender do maior ou menor calor, das chuvas, etc.

Para terminar a série dos amanhos culturais, vou falar-lhes no *desbandeiramento* ou *desponta* e na *desfolha*.

A primeira operação, só benéfica quando se receie que os ventos demasiadamente fortes a façam por sua conta e portanto em péssimas condições, ou para evitar um maior consumo de água quando o terreno a tenha em quantidade insuficiente, ou ainda quando se queira apressar a maturação do milho fazendo concentrar a seiva na espiga, é prejudicial quando executada fora dêstes casos. E, o que é curioso decerto por ignorarem a razão, é a maior parte das pessoas efectuarem-na não só fora dêles, como antes do tempo, o que é ainda pior. Preceitos a observar para êste trabalho: só depois de realizada a fecundação, porque até lá é-lhe indispensável, se poderá, sem relativo prejuízo, cortar a bandeira. Conhece-se que a fecundação está terminada quando as barbas da maçaroca estão sêcas. A bandeira deverá ser cortada e

não esgarçada, e de forma a deixar ficar a fôlha que estiver por cima da maçaroca mais alta.

Ocorreu-me neste momento uma pergunta, ó Antônio Antunes.

— Diga vossa senhoria.

— Aquela terra que trazes de renda e que costumás semear de milho, tem produzido bem?

— Não senhor. Dá até pouquíssimo, para a porção de terra que é.

— Calculava isso mesmo...

— !!

— O ano passado, ao passar próximo, reparei que as tuas filhas andavam a cortar a bandeira quando mal ia a aparecer.

— É a ocasião em que ela está tenrinha... melhor para os gados — esclareceu o interpelado.

— Na verdade é, mas um braçado delas que lhes leves e que elles comem em poucos minutos dá-te um prejuízo que não calculas!

— É isso é que faz com que dê menos milho?!

— Pois claro! Eu vou explicar... Todo o filho, no reino animal, como vocês sabem, provém sempre de um pai e de uma mãe, quer seja uma criança, uma cabrita, uma ave, etc. No reino vegetal, succede o mesmo, quer com a pereira, a macieira, o trigo, o milho, etc. Ora neste, pela parte do pai, intervém o pó das bandeiras, e pela mãe, os fios da maçaroca que, reunidos, têm o nome de barba. Se descamisarem uma quando madura, com cautela, hão-de verificar que, prêso a cada bago de milho, se encontra um dêsses fiosinhos e se o examinassem antes de ter secado, haviam de notar que não é liso e que por todo êle existem pêlos e uma ligeira umidade pegajosa. Igualmente hão-de ter notado que, numa certa ocasião, o pó começa a desprender-se da bandeira e quem se demorar algum tempo dentro do milheiral trará no fato uma boa porção dêle. Contudo, dias antes, êsse fenómeno não se dava. É que êsse pó, chegado o momento próprio, sem que para isso as pessoas tivessem concorrido, começou a cair, para cumprir a sua missão que é fecundar ou machear os fiosinhos das maçarocas que o

recebem nos tais pêlos e ali o retêm por meio da tal umidade pegajosa, segregada para êsse fim. Se algum dêles, por qualquer motivo, não o recebeu, o espaço correspondente na maçaroca não será preenchido por nenhum bago; ficará vazio. As espigas com falhas de bagos, que se encontram nas descamisadas, não têm outra causa. Já vêem, pois, o papel imprescindível que tem neste acto o pó e, portanto, a bandeira, e que se ela fôr cortada antes de ter executado o macheamento dos fiosinhos, os bagos de milho não se poderão criar.

— Eu compreendi bem o que vossa senhoria explicou, mas se assim é, não percebo porque é que eu ainda colhi algumas espigas, apesar das minhas filhas tirarem a bandeira tão cedo...

— É que elas não as tiravam a eito, e como a Natureza é muito providente, dotando cada milheiro com uma quantidade de pó maior do que as necessidades de cada um, o vento, sobretudo, encarregava-se de o espalhar e de fazer fecundar mesmo os que tinham ficado sem ela.

Podes fazer a seguinte experiência: semeia uns bagos de milho mas bastante longe de outros, de maneira que não vá lá ter nenhum pó dêsses; não os deixes passar sêde, sacha-os, etc., e logo que a bandeira fôr a aparecer-lhes, corta-a. Quando chegar a ocasião da colheita, tira as maçarocas e abre-as. Encontrarás os carolos com todos os espaços vazios.

— Agora percebo... Que asneiras a gente faz... Nunca tivemos quem nos explicasse assim estas coisas...

Já agora mais umas preguntinhas se der licença— disse interessado o António Antunes.

— As que quizeres...

— ¿Porque é que na mesma maçaroca, quando o pó está a machear, uns fios estão secos enquanto outros ainda estão verdes?

— Mais uma providência da Natureza! A fecundação dá-se em primeiro lugar nos fios de fora, que são os mais expostos; logo a seguir secam, para os de dentro ficarem livres e poderem por sua vez também ser macheados.

— ¿E porque é que tanta vez se encontra na mesma espiga bagos brancos de mistura com amarelos?

— É porque no milheiro a fecundação é cruzada, isto é, os pós de um podem machear as maçarocas de outros. O que apontas, sucede sobretudo nas carreiras das extremas de dois campos, em que num se cultiva milho branco e no outro amarelo.

— E outra coisa: A gente deve ou não tirar os filhos ao milho?

— Sim senhor, e nem o nome de filhos se lhes deve dar. O verdadeiro nome é ladrões, e como tais devem ser considerados, porque só estão a prejudicar a planta que os criou.

— Mas às vezes também dão espigas...

— É certo, mas a percentagem dêsses é tão insignificante e elas são de tamanho tão reduzido, que é mais económico tirá-los à medida que forem aparecendo. E isto deve ser feito com êles pequenos, porque quanto mais crescerem, mais prejuízos estão ocasionando.

— Agradecido a vossa senhoria.

— A *desfolha*, que todos julgam operação insignificante, e que executam de ânimo leve, não pode ser assim. Tôda a gente a faz antes de tempo. Já vão ouvir a função das fôlhas. Os alimentos, que em estrumes, adubos, etc., deitamos à terra, sofrem uma primeira transformação devido ao trabalho dos microorganismos em que já lhes falei. Pela acção da água das regas e das chuvas, êsses alimentos são dissolvidos nela. As raízes do milheiro absorvem depois êsse líquido grosso, constituindo seiva bruta e, por um curioso fenómeno que se passa no interior da planta, é ela elevada até às fôlhas. Estas, por outros fenómenos não menos curiosos e impressionantes, que são os da respiração, transpiração e assimilação do carbono, transformam-nos mais uma vez, passando a seiva bruta que até elas havia chegado para seiva elaborada, única forma em que as plantas os utilizam.

Quando esta função cessa, as fôlhas amarelecem por si e é só nesta fase que podem ser colhidas sem inconveniente.

Como a maior parte das pessoas as colhem em verde, vejam o

desequilíbrio que causam às plantas, com manifesto prejuízo da boa granação e portanto quebra de produção! É por isso que na despona se aconselha deixar a fôlha acima da espiga mais alta.

A Natureza, nas vinhas, nas árvores de fôlha caduca, etc. está-nos constantemente indicando como deveríamos proceder, que era nunca desguarnecermos fôsse que planta fôsse, enquanto as suas fôlhas estivessem verdes.

Eu sei que o motivo porque fazem isso é a fôlha depois de sêca ficar com melhor aspecto de que se fôsse tirada já amarelecida, mas experiências feitas mostram que o valor dessa forragem não compensa o prejuízo causado na produção.

Sôbre a *colheita*, alguma coisa há também a dizer. Assim, como a maçaroca amadurece melhor na planta do que cá fora, e como uma colheita antecipada diminui a produção, e ainda porque é de mais difícil secagem e conservação, é de tôda a conveniência, para se conseguir o maior rendimento, fazê-la depois da planta estar sêca, quando as maçarocas penderem. Só nesta fase a maturação está concluída. A colheita, que na grande cultura faz-se mecanicamente, utilizando as próprias ceifeiras de trigo, na pequena e média, faz-se à mão, e conforme as regiões, ou arrancam a maçaroca por meio de esgarçamento de cima para baixo, ficando a planta agarrada ao solo, ou a ceifam e executam mais tarde aquela operação. No primeiro caso, manual, a camisa fica sôlta; no segundo, conserva-se prêsa à planta.

Êste trabalho é feito nas eiras, dando ocasião às típicas e curiosas descamisadas ou desfolhadas, que os rapazes e raparigas da terra no geral fazem de noite, gratuitamente, por terem nelas uma oportunidade de folgança.

Uma vez descamisadas, ficam as espigas nas eiras, estendidas em pequena camada, a arejar e a assoalhar, à espera da debulha. Noutros sítios, mais frios do que o nosso, em que o milho se colhe mais tarde, já o sol não tem calor suficiente para o secar, existindo para êsse fim umas casas de feitio especial, chamadas espigueiros ou caniços.

Reparem quanto o sol é nosso amigo e quanto trabalho e despesa nos poupa!

Para o desgranamento, utiliza-se ainda o mangual, processo antiquado, moroso e nada económico, que felizmente já vai sendo substituído pelo descarolador. Esta pequena máquina, relativamente barata e de rendimento bastante apreciável, alia à economia a perfeição e rapidez, perfeito contraste ao trabalho do mangual. Como seu complemento, utiliza-se com êxito absoluto, sobretudo para êste cereal, uma outra chamada tarara que executa a perfeita limpeza do milho.

Para evitar tanto quanto possível prejuízos no enceleiramento, o milho não deve ser recolhido sem estar absolutamente sêco. Não o estando, pode aquecer, fermentar ou bolorecer. Todo o cuidado é pouco com a recolha e conservação dos cereais, em especial êste, porque se o local de armazenagem não tiver o mínimo de condições exigidas arriscam-se a ter prejuízos de certa importância, e se os géneros recolhidos não forem periódicamente vigiados, terão nos vários gorgulhos e borboletas inimigos de respeito. Em celeiros convenientemente construídos poderá o agricultor recorrer com segurança à caição anual das paredes e ao uso do sulfureto de carbono e de enxôfre, quer como remédios preventivos, quer como curativos, e ainda ao padejamento do cereal. A aplicação do sulfureto tem no entanto certos perigos, que o agricultor prevenido e acutelado evitará com facilidade. Tratando-se de celeiros mal construídos ou com defeitos de técnica, ou de simples casas adaptadas, que não possam ser hermêticamente fechadas, terá o proprietário de recorrer a alguns dos meios acima indicados, utilizando-o melhor ou pior conforme as instalações que tiver.

Terminei, meus senhores, a quarta e última preleção da série que me propus aqui fazer sôbre preceitos gerais a que deve obedecer a cultura racional do milho.

Pela forma como decorreram, pelo movimentado da discussão e ainda pelo que presenciei creio terem sido de alguma utilidade. Dentro em breve chegará o primeiro grupo de máquinas que a vossa Casa do

Povo encomendou. Assim como lhes ministrei a parte teórica, assim estarei ao vosso dispor para a prática. Durante êste ano, desde a primeira sementeira de milho até à colheita, eu os ensinarei e vigiarei todos os serviços que com êle se relacionem. Faço votos para que, dêste meu esforço, a cultura racional do milho seja, dentro em pouco, uma realidade nesta região, com o que todos vós tereis a lucrar.

Com estas palavras, patrióticas e cheias de esperança, terminou o senhor Abílio de Castro a primeira parte da missão a que se propusera. O presidente da Direcção da Casa do Povo, que no início das palestras agradecera a idéia altruista daquele senhor, voltou de novo a manifestar êsses agradecimentos, tornando-se-lhe devedor do inapreciável serviço que, com o seu abnegado gesto, esteve prestando directamente ao povo da sua região e de modo indirecto ao País.



* * *

Passaram-se meses. O senhor Abílio de Castro cumprira o que prometera. Sob a sua direcção foram feitas mecânicamente as primeiras sementeiras de milho e a seguir todos os restantes trabalhos culturais, habilitando pessoal para de futuro se encarregar disso. Fôra incansável e de uma paciência evangélica em aturar tôda aquela gente! Quem tivesse visitado êsses campos um ano antes pasmaria agora ante a modificação operada nêles! Dir-se-ia um milagre! Todos os milheiros alinhados e compassados, parecendo de um só dono! Por sugestão daquele senhor, a Casa do Povo encomendou e pagou todos os adubos que foram precisos, rateando depois a importância por cada um dos interessados, consoante a quantidade de terra que tinham, o mesmo se tendo feito com as lavouras, sementeiras, etc. Tudo fôra feito em

conjunto e com a melhor das harmonias, excepto os estrumes, que cada um deitou conforme as suas disponibilidades de ocasião. O serviço nestas condições ficou melhor executado e mais económico.

Estamos na ocasião da colheita. Em tudo se seguiu as indicações dadas nas lições da Casa do Povo. Durante o tempo em que decorreram todos os trabalhos culturais do milho não houve uma nota discordante, nunca o senhor Abílio de Castro tivera motivos para se arrepende. Era geral a satisfação, pela perspectiva de um apreciável aumento na produção. Os mais expansivos não se continham que não exteriorizassem a sua alegria!

Vai sendo tempo de informarmos que o tio Anastácio e o Manuel Tomás continuaram amigos como dantes e agora já podiam conversar sobre as práticas racionais, sem se zangarem. Convenceu-se afinal, ante a maneira clara, elucidativa e racional como o senhor Abílio de Castro expusera as lições.

— Se há mais tempo me tivessem ensinado aquilo, daquela maneira, — confessava êle ao tio Anastácio — há muito que eu teria mudado de idéias!

Nunca tínhamos dito ao leitor que um dos filhos do tio Anastácio, o José António, namorava uma filha do seu amigo, a Maria Emilia, e que êste namoro, longe de ser contrariado pelos pais, era pelo contrário muito do seu gosto. Por isso o tio Anastácio, que fôra o primeiro a colhêr o milho (e neste ano parece que mais prometedora era a colheita), resolvera aproveitar a descamisada para comemorar festivamente a transformação operada no seu amigo e futuro compadre Manuel Tomás. Chegada essa noite, por sinal de luar lindíssimo, tão lindo e claro que sob o seu brilho suave e prateado se poderia ler com a maior facilidade, o tio Anastácio estava possuído de uma alegria tal, que parecia ter remoçado! Estava circundado todo o monte de maçarocas e as cantigas começavam a perturbar a quietude daquela esplêndida noite de verão, quando chegou o Manuel Tomás com a família. Enquanto os dois velhos amigos ficaram a conversar, os filhos

recém-chegados forçaram como puderam e nos sítios mais estratégicos para as suas afeições amorosas aquela barreira humana que intencionalmente mais se apertou, para que os recém-vindos não pudessem fazer parte integrante da mesma, como pretendiam. No meio de uma sã alegria, de fingidos pretextos e recusas, ditos e dichotes, sempre conseguiram. A chegada destes e a conquista, um pouco à força, dos respectivos lugares que pretenderam, causou uma certa perturbação, tanto no serviço como nas cantigas. Recuperada a boa ordem inicial, de novo estas se ouviram, ora em côro, num conjunto equilibrado, ora em tropel, cortando o ar numa desarmonia ao mesmo tempo curiosa, ora isoladas, ora ainda em despique individual ou colectivo, etc.

Os cestos ou poceiros, iam sendo continuamente cheios e acto contínuo despejados, numa azáfama de empreitada. É que o milho é muito, as horas passam e ainda têm que dançar. Ocupam-se deste serviço alguns rapazes, encarregados também de chegar as maçarocas até junto do pessoal, a fim de que este não seja obrigado a alterar e, portanto, a apertar o círculo inicialmente determinado para a boa regularidade do trabalho a executar.



Atingido o máximo do entusiasmo, pela aparição de uma espiga vermelha (o milho-rei) é indescritível o que se presencia! Que alegria! Que loucura! Que mocidade transbordando de vida e de saúde! Perdem a cabeça e num tal grau de entusiasmo que chegam a comunicá-lo mesmo àqueles que estão de parte apenas como espectadores! Oh! A vida no campo, como é salutar, atraente e cheia de encantos! Onde,

como ali, os trabalhos são executados com o concurso de cantigas? Trabalhando, cantando... que abençoada profissão!

O felizardo que achou a espiga vermelha, ou às escondidas a levou já de casa propositadamente, tem a permissão de poder beijar numa das faces e abraçar cada uma das raparigas solteiras que ali se encontram; e então é curioso o que elas fazem para fugir a uma coisa que tão agradável lhes é. Porém o pobre rapaz chega ao fim da roda cansado e moído da luta que com quâsi tôdas teve de travar!

A única espiga vermelha que apareceu na descamisada do tio Anastácio fôra encontrada pelo filho José António, que aproveitou saciar na sua conversada a sêde de beijos que há muito trazia e que naquela ocasião não era sujeito a reparo.

Terminado êste agradável trabalho, começou a dança, ao toque de harmónio, que se prolongou até de madrugada. Iniciada a primeira descamisada, é hábito na noite imediata seguir-se outra e assim por diante, sem parança, durante semanas e semanas, e sem que êsses corpos juvenis se fatiguem ou dêem mostras de cansaço, apesar do fatigante trabalho diurno que não perdem! Confessamos não saber como se agüenta! Na verdade, muito pode quem é novo!

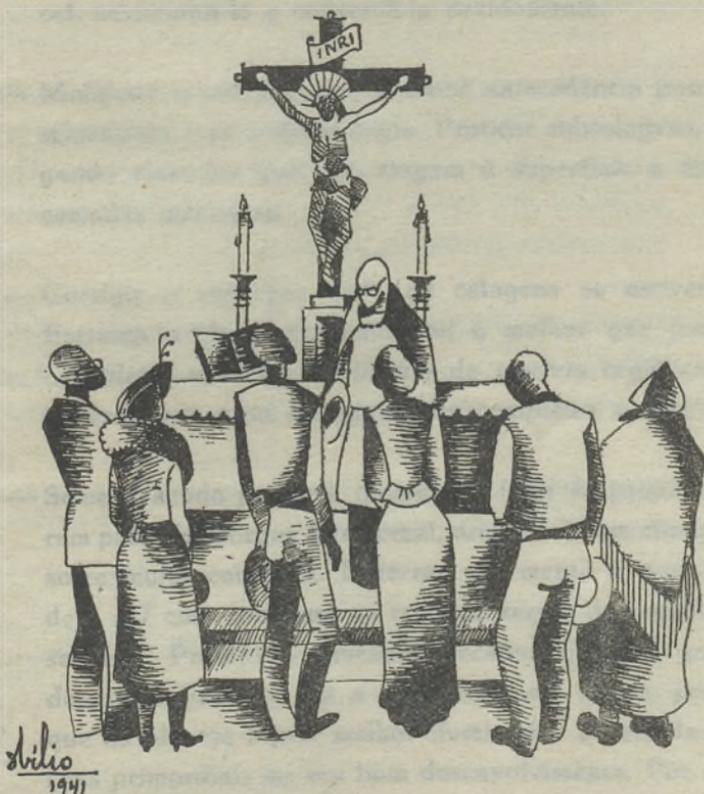
O tio Anastácio, depois de terminada a dança, deu a cada um dos descamisadores uma tegela de tremoços curtidos, e conforme o sexo e idade assim era mais ou menos cheia, pitêu que a gente rural muito aprecia. Em casa, com a sua família e a do seu velho amigo, brindou pela conversão agrícola do futuro compadre, que tanta satisfação lhe causou, e pela realização do projectado casamento que iria unir ainda mais aquelas duas famílias amigas.

O Manuel Tomás, para corresponder à prova de amizade do amigo, proporcionou-lhe idêntica festa quando fêz também a sua desfolhada.

Passado precisamente um ano, por alturas das descamisadas, realizou-se o casamento de José António e da Maria Emília, de quem

foram padrinhos o senhor Abílio de Castro e esposa, o qual foi motivo para festas e folgedos durante alguns dias.

Quanto a êste senhor, foi-lhe prestada na Casa do Povo uma homenagem por meio de uma pequena mas simpática e comovente festa, a que tōda a gente do sítio se associou, em vista do esforço desinteressado por êle despendido e dos esplêndidos resultados que se obtiveram. Os seus votos, expressos no final da última palestra, efectivaram-se! Tornara-se realidade a cultura racional do milho naquela região!



Preceitos gerais a que deve obedecer a cultura racional do milho

- 1 — Escolher uma boa variedade de semente, de preferência local, seleccioná-la e conservá-la devidamente.
- 2 — Mobilizar o terreno, com a maior antecedência possível da sementeira e na ocasião desta. Praticar subsolagens, empregando charruas que não tragam à superfície a terra das camadas inferiores.
- 3 — Corrigir o solo por meio de calagens se estiver ácido. Estrumá-lo abundantemente, ou o melhor que puder ser. Completar a acção fertilizante da matéria orgânica com a mineral, por meio de adubações completas e equilibradas.
- 4 — Semear, sendo possível, quando os frios da primavera tiverem passado, porque este cereal, oriundo de um clima quente, sofre muito com êles. Enterrar a semente à profundidade de 4 a 7 cm., conforme se trate de terras de regadio ou de sequeiro. Preferir o semeador mecânico que tem graduador de profundidade e faz a sementeira em linhas, permitindo que as plantas sejam melhor iluminadas e arejadas, condições primordiais ao seu bom desenvolvimento. Pôr de parte a sementeira a lanço, por antiquada, defeituosa e nada ter que a recomende.

- 5 — Desbastar com critério e consciência. Sachar o maior número de vezes possível, de preferência depois de uma rega ou de uma boa chuvada. Amontoar sem exagêro.
- 6 — Percorrer várias vezes o milheiral, extraindo os rebentos-ladrões que nele houver. Colhêr todo o fungão que fôr aparecendo e queimá-lo.
- 7 — Regar, sempre que o milho mostre necessidade, evitando a rega na ocasião em que se esteja dando o macheamento ou fecundação.
- 8 — Desbandeigar, deixando uma fôlha acima da espiga mais alta e só quando a fecundação tiver terminado, o que se conhece pelo secamento da barba da maçaroca. Desfolhar, só depois das fôlhas começarem a amarelecer; antes dessa fase origina quebra de produção.
- 9 — Efectuar a colheita só quando o milho estiver sêco, isto é, difficilmente seja partido pelos dentes. Debulhar à máquina, porque é mais rápido e económico.
- 10 — Quem seguir êstes preceitos conseguirá o que todo o agricultor progressivo deve procurar realizar:

PRODUZIR O MÁXIMO AO MENOR CUSTO

Direcções e números telefónicos dos Organismos Regionais da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas

Organismo	Direcção	N.º do telefone
Brigada Técnica da III Região ...	Rua da República — Mirandela ..	Mirandela 21
Delegação de Bragança	Avenida João da Cruz, 80.	
Delegação de Chaves.....	Rua de Santo António.	
Brigada Técnica da IV Região...	Rua do Carmo — Aveiro.....	Aveiro 198
Delegação de Coimbra.....	Estrada da Beira, 223.....	Coimbra 1203
Delegação de Leiria.....	Lugar de Santo Amaro.....	Leiria 29
Brigada Técnica da V Região ...	Praça do Comércio, 25—Lamego	Lamego 23
Brigada Técnica da VII Região...	Rua Dr. Francisco dos Prazeres— Guarda.....	Guarda 19
Brigada Técnica da VIII Região..	Avenida Combatentes da Grande Guerra — Castelo Branco.....	C. Branco 158
Brigada Técnica da IX Região ...	Rua Sangreman Henriques—Cal- das da Rainha.....	C. Rainha 128
Brigada Técnica da X Região....	Avenida António Santos—Santarém	Santarém 51
Delegação de Abrantes.....	Rua Avelar Machado—Rossio ao Sul do Tejo.	
Delegação de Vila Franca de Xira	Rua Dr. Manuel de Arriaga, 43 ..	V. F. de Xira 47
Brigada Técnica da XII Região...	Praça 28 de Maio — Évora.....	Évora 146
Brigada Técnica da XIII Região ..	Avenida Todí, 93-95—Setúbal...	Setúbal 477
Brigada Técnica da XIV Região..	Largo 1.º de Maio, 1-A, 1.º, Dt.º — Beja	Beja 78
Escola Agrícola Móvel «Alves Tei- xeira»	Vidago	Vidago 16
Estação Agrária do Pôrto.....	Quinta de S. Gens — Senhora da Hora	S. da Hora 22
Estação Agrária de Viseu	Viseu.....	Viseu 97
Pôsto Agrário de Braga.....	Lamações — Braga	Braga 421
Delegação de Fafe.....	Rua Teófilo Braga, 38	Fafe-Pôrto 1
Delegação de Viana do Cas- telo	Sind. Agr. de Viana do Castelo..	V. Castelo 17
Pôsto Agrário de Elvas	Estrada de Gil Vaz — Elvas.....	Elvas 47
Pôsto Agrário de Solavento do Algarve.....	Tavira	Tavira 45
Delegação de Lagos	Lagos.	
Pôsto de Culturas Regadas de Alvalade	Alvalade (Sado).	



Directores e números telefonicos dos Organismos Regionais da Direcção Geral dos Serviços Agrícolas

Organismo	Direcção	N.º de telefone
Brigada Técnica de III Região	Rua da República — Miraflores	Miraflores 21
Delegação de Bragança	Avenida João de Cruz, 80	
Delegação de Chaves	Rua de Santo António	
Brigada Técnica de IV Região	Rua do Espírito Santo	Ávila 198
Delegação de Coimbra	Estada da Beira, 223	Coimbra 1209
Delegação de Leiria	Lugar de Santa Amélia	Leiria 29
Brigada Técnica de V Região	Freguesia do Comércio, 25 — Tamengo	Tamengo 23
Brigada Técnica de VII Região	Rua Dr. Francisco dos Prazeres — Guarda	Guarda 19
Brigada Técnica de VIII Região	Avenida Constituintes da Grande	
	Guarda — Castelo Branco	Castelo Branco 138
Brigada Técnica de IX Região	Rua do Engenheiro Francisco	
	Castelo Branco — Vila Rica	Vila Rica 128
Brigada Técnica de X Região	Avenida António Santos — Santarém	Santarém 21
Sociedade ASTÓRIA Lda.		
ARTES GRÁFICAS		
Regueirão dos Anjos, 68 - Lisboa		
Brigada Técnica de XII Região	Freguesia de Melo	Évora 146
Brigada Técnica de XIII Região	Avenida Teófilo, 73-75 — Seixal	Seixal 477
Brigada Técnica de XIV Região	Lugar de Santa Maria — Vila Rica	Vila Rica 76
Escola Agrícola Móvel Alvariz Teófilo		
Estação Agrária do Póvoa	Quinta de S. Gonz. — Senhora da Moura	S. da Moura 22
Estação Agrária de Viseu	Viseu	Viseu 77
Pólo Agrário de Braga	Lameiros — Braga	Braga 421
Delegação de Faro	Rua do Colégio Branco, 38	Faro 150
Delegação de Viana do Castelo	S.ª de Viana do Castelo	V. Castelo 17
Pólo Agrário de Évora	Estada de Gil Vaz — Évora	Évora 47
Pólo Agrário de Setúbal	Setúbal	Setúbal 45
Delegação de Trazos	Trazos	
Pólo de Cultura Regueirão de Alvalade	Alvalade (Setúbal)	





RÓ
MU
LO

CENTRO CIÊNCIA VIVA
UNIVERSIDADE COIMBRA



1329704302

